

VOGAIS SEMIABERTAS ÁTONAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Afrânio Garcia (UERJ)

INTRODUÇÃO

De maneira geral, os estudiosos da fonética e da fonologia do português são unânimes em identificar três sistemas vocálicos distintos no português do Brasil: um sistema de vogais tônicas, composto por sete vogais; um sistema de vogais átonas não-finais, composto por cinco vogais; e um sistema de vogais átonas finais, composto unicamente por três vogais. O objetivo deste trabalho é demonstrar que, embora em linhas gerais essa divisão seja de grande valia, existem casos que escapam a ela, casos em que efetivamente ocorrem vogais semi-abertas átonas no português do Brasil.

No que tange à representação fonética, embora tenhamos mantido, ao transcrever citações, a representação fonética original do autor, optamos pela utilização do alfabeto fonético internacional (IPA). Assim sendo, teríamos:

- /◌̩/ – vogal central baixa;
- /◌̥/ – vogal central média semi-aberta;
- /◌̦/ – vogal central média semifechada;
- /◌̨/ – vogal anterior média semi-aberta;
- /◌̩̥/ – vogal anterior média semifechada;
- /◌̨̥/ – vogal anterior alta;
- /◌̩̥̥/ – semivogal palato-alveolar;
- /◌̥̥/ – vogal posterior média semi-aberta;
- /◌̥̦/ – vogal posterior média semifechada;
- /◌̨̥/ – vogal posterior alta;
- /◌̨̥̥/ – semivogal velar bilabial arredondada.

AS DIVISÕES DOS ESPECIALISTAS

Mattoso Câmara Jr. afirma, em seu capítulo sobre *neutralizações* (1977, p. 58), que:

a) Assim, *basta a ausência de tonicidade para anular as oposições entre /è/ e /e/, de um lado, e, de outro lado, entre /ò/ e /o/, com a fixação do segundo elemento de cada par na pronúncia do Rio de Janeiro*. O fechamento de um /è/ ou um /ò/ é a conseqüência mecânica da perda de sua tonicidade por motivo de derivação vocabular ou próclise sintática; haja vista a partícula vocativa *ó* em locuções com nomes de pessoas, com que se aglutina perdendo o acento próprio. Ouvimos então *ó Pedro!*, *ó Maria!* Soar /ope'dru/, /oma'ria/, com /o/ fechado. E o timbre aberto /ò/ indica logo uma subtonicidade da partícula para efeitos de ênfase.

Em condições átonas particulares, a neutralização é em toda a série (seja a anterior, seja a posterior), e temos, então, série anterior representada pelo arquifonema /i/ e a série posterior pelo arquifonema /u/. É o que acontece, por exemplo, sistematicamente em posição átona final absoluta ou antes de /z/.

Podemos dizer, portanto, que há em português três quadros de vogais, com 7, 5 e 3 fonemas respectivamente, além das semivogais nos ditongos decrescentes:

1) Quadro de vogais tônicas:

/a/ - /è/ - /e/ - /i/ - /ò/ - /o/ - /u/

2) Quadro geral de vogais átonas:

/a/ - /e/ - /i/ - /o/ - /u/

3) Quadro de vogais átonas em certas posições:

/a/ - /i/ - /u/

Diante de consoante nasal, o /a/ tônico é substituído pelo seu alofone /ã/ (posterior ou fechado) e *neutralizam-se, como em posição átona, os contrastes /è/ - /e/ e /ò/ - /o/, aparecendo um quadro fonemicamente análogo ao do nº 2*.

Paul Teyssier confirma integralmente a posição de Mattoso Câmara Jr. no que diz respeito à pronúncia das vogais pré-tônicas, como podemos verificar na seção dedicada *aos aspectos inovadores da fonética brasileira* (1997, p. 102):

b) em *sílabas pretônica*, o Brasil ignora, para as vogais escritas *a, e e o*, a oposição do timbre aberto e fechado. Enquanto Portugal opõe o /ã/ de *cadeira* ao /a/ de *padeira*, o /ë/ de *pregar* ao /ê/ de *prêgar*, o /u/ de *morar* ao /o/ de *côrar*, o Brasil conhece apenas /A/, /E/ e /O/, realizados, respectivamente, como /a/, /e/ e /o/ no Centro-Sul. Esta simplificação do sistema fonológico tem conseqüências importantes: o artigo feminino *a* não mais se distingue do mesmo artigo precedido da preposição *a* (*a mesa* é foneticamente idêntico a *à mesa*). As palavras de origem erudita, nas quais, diante de uma consoante não pronunciada, existe em Portugal uma vogal aberta por alongamento compensatório (ex.: *director* pronunciado [dirêtor]), são escritas no Brasil sem essa "consoante muda" (ex.: *director*), pois o *e*, no caso, só pode representar uma realização. Pela mesma razão, escrever-se-á *adoção* e *batizar* no Brasil e *adopção* e *baptizar* em Portugal.

Dinah Callou & Yonne Leite reiteram essa classificação de cinco vogais pré-tônicas, acrescentando o fato de elas, às vezes, poderem ser reduzidas a três, no capítulo sobre o *sistema vocálico* (1990, p. 78):

Em posição átona não-final, mais especificamente, em posição pré-tônica, desaparece a oposição entre [e] e [e̞], [o] e [o̞] e o *sistema reduz-se a cinco vogais*, com a fixação do [e] e do [o] na pronúncia do Rio de Janeiro: espacial : especial, lavar : levar, arar : orar, pesar : pisar, rimar : rumar, moral : mural.

A precariedade do funcionamento desse sistema de cinco vogais pré-tônicas fica patente em exemplos do tipo “menino”, “gordura”, “feliz”, “costura” etc., quando passa a funcionar o sistema de três vogais, semelhante ao de posição átona final. No registro informal do dialeto carioca, as oposições entre [e] (parece-nos que o certo seria [u]) e [o] de um lado e de outro entre [e] e [i] ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura das vogais pré-tônicas médias com a das tônicas quando esta é alta.

A realização das vogais pré-tônicas é um dos aspectos de que se têm servido vários autores para tentar delimitar áreas regionais. Segundo NASCENTES (1953), os subfalares que neutralizam em [e̞] e [e̞] os contrastes [o]:[o̞] e [e]:[e̞] constituiriam o grupo dos subfalares do Norte os que neutralizam em [o] e [e], constituiriam o grupo dos subfalares do Sul. Convém esclarecer que para o autor os subfalares do Norte são dois: o amazônico e o nordestino; os do Sul são quatro: o baiano (intermediário entre dois grupos), o fluminense, o mineiro e o sulista. O linguajar carioca é, para ele, uma variedade do subfalar fluminense.

HOUAISS (1958) diz que na área carioca, salvo em alienígenas, não se manifesta o timbre aberto tão característico do extenso território do Brasil — desde o Nordeste até certo ponto de Minas Gerais, pelo menos.

Como pudemos observar, os especialistas são unânimes em afirmar que o *sistema de vogais pré-tônicas* do português do Brasil constitui-se somente por *cinco vogais*, sendo que estas cinco vogais poderiam se reduzir a *três vogais* apenas em determinadas situações e que as *vogais médias* variariam seu timbre como marca dialetal: *timbre aberto* para a região dialetal Norte, *timbre fechado* para a região dialetal Sul. Eles também são unânimes em distinguir um *sistema de vogais átonas finais* composto unicamente por *três vogais*. Nosso trabalho pretende provar que, em determinados casos, poderíamos ter até *seis vogais pré-tônicas* e até *quatro vogais átonas finais*.

UMA SEXTA VOGAL PRÉ-TÔNICA

Recentemente, numa das classes do curso de especialização em língua portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, despertou-nos a atenção o fato de uma das alunas pronunciar a palavra “paroxítona” com vogal posterior média semi-aberta pré-tônica /e̞/. Submetendo-se às quatro alunas presentes: Ademilde, Nelza, Talita e Ester, a seguinte lista

de palavras: *oxigênio*, *oxítona*, *paroxítona*, *hotel*, *octogonal* e *proctologista*, constatou-se que:

A) Todas elas pronunciavam com vogal posterior média semi-aberta pré-tônica /e/ as palavras *oxigênio*, *oxítona* e *paroxítona*;

B) Três delas pronunciavam com vogal posterior média semi-aberta pré-tônica /e/ as palavras *proparoxítona* e *octogonal*;

C) Duas delas pronunciavam com vogal posterior média semi-aberta pré-tônica /e/ a palavra *proctologista*;

D) Uma delas pronunciava com vogal posterior média semi-aberta pré-tônica /e/ a palavra *hotel*.

Como todas as alunas eram moradoras de São Gonçalo, procuramos verificar se tal pronúncia não era uma característica regional e submetemos a mesma lista de palavras a outras pessoas, moradoras do Rio de Janeiro e de outras cidades fluminenses (Niterói, Petrópolis, Itaguaí, etc.). O resultado foi sempre o mesmo: determinadas palavras, principalmente algumas em que a vogal *o* pré-tônica era seguida pelos encontros consonantais /ks/ ou /kt/, eram freqüentemente pronunciadas com vogal posterior média semi-aberta pré-tônica /e/, sendo que podia-se afirmar, sem medo de errar, que uma palavra específica, *oxigênio*, era pronunciada com vogal posterior média semi-aberta pré-tônica /e/ por, no mínimo, 30% (trinta por cento) da população do Estado do Rio de Janeiro. Ao menos uma publicação, o *Dicionário de Pronúncia Correta NOSSA*, atesta a existência dessa pronúncia aberta do *o* pré-tônico, recomendando a pronúncia da vogal pré-tônica como *aberta* nas seguintes palavras (cf. p. 88): *oxidar*, *oxidase*, *oxigênio*, *oximoro* e *oxítono*.

A conclusão de nossa pesquisa leva, necessariamente, a uma reformulação do sistema de vogais pré-tônicas do falar fluminense, que seria constituído por *cinco vogais pré-tônicas* que ocorreriam em *qualquer situação* e por uma *vogal pré-tônica posterior semi-aberta /e/*, que só ocorreria em alguns *casos específicos*.

UMA VOGAL SEMI-ABERTA PÓS-TÔNICA

Mais uma vez, experiências oriundas da sala de aula serviram de base para nossas pesquisas fonéticas. Jôsi, uma aluna muito interessada e perspicaz da UniverCidade, chamou-nos a atenção, durante uma aula de lingüística, para o fato de pronunciarmos a palavra *amável* com vogal anterior mé-

dia semi-aberta /ẽ/ no ditongo final: /ẽɔ̃/ ou /ẽɔ̃ɐ̃/, o que foi confirmado por grande parte dos alunos de sua turma.

Uma pesquisa posterior revelou que existe uma tendência muito grande para a pronúncia do sufixo *-vel* com vogal anterior média semi-aberta /ẽ/ (ou com uma vogal de timbre intermediário entre /ẽ/ e /ɛ̃/) depois de sílaba tônica contendo a vogal /ẽ/, como em *agradável, louvável, adorável, afável*, etc., tendência esta que chegaria a mais de 20% (vinte por cento) dos falantes do Rio de Janeiro. Conforme constatamos em nossas observações, esta tendência ocorre exclusivamente com o sufixo *-vel* depois de sílaba tônica contendo a vogal /ẽ/; depois de sílaba tônica contendo outras vogais, como em *indelével, sofrível, móvel* e *volúvel*, não se verificou a pronúncia do sufixo *-vel* com vogal anterior média semi-aberta /ẽ/, e sim com vogal anterior média semifechada /ɛ̃/: /ɛ̃ɔ̃/ e /ɛ̃ɔ̃ɐ̃/, /ɛ̃ɔ̃ɐ̃/ e /ɛ̃ɔ̃ɐ̃ɐ̃/.

A possibilidade de ocorrência de vogal anterior média semi-aberta em sílaba pós-tônica, ainda que em condições bem específicas: somente no sufixo *vel* e somente depois de sílaba tônica contendo a vogal /ẽ/ contrapõe-se a toda a tradição de descrição fonética do português do Brasil e mereceria um estudo mais amplo.